MARTIM SOARES MORENO, O CAPITÃO DO CEARÁ

TÁCITO THEÓPHILO GASPAR DE OLIVEIRA
Do Instituto do Ceará

> Martim Soares Moreno é o vulto culminante da primitiva história do Ceará; tudo que lhe diz respeito reveste-se de capital interesse, porque, mais afortunado que Pero Coelho e os missionários Pinto e Figueira, é ele o fundador do Ceará, e por longos anos o nascente estabelecimento viveu e prosperou debaixo de sua direção inteligente e vigorosa.
>
> *Barão de Studart*

Ao dealbar do século XVII o saliente nordestino tinha sua costa leste bem conhecida dos portugueses, da Bahia até o Forte do Rio Grande. A partir dali o litoral leste-oeste, descoberto por Vicente Yanez Pinzon, desde antes de Cabral, era visitado por navegantes que buscavam o comércio com os aborígines e a eventual ocupação do território.

Ao assumir as funções de Governador Geral, Diogo Botelho apercebe-se do perigo que representava tal abandono e trata de levar a presença portuguesa àquele trecho da costa que se estendia até os limites do meridiano de Tordesilhas, na foz do Amazonas. Reúne em Olinda os Capitães-Mores de Pernambuco e da Paraíba e o Sargento-mor Diogo de Campos Moreno (21 de janeiro de 1603), que trouxera em sua com-

panhia e determina a Pero Coelho de Souza um reconhecimento até o Maranhão, visando à expulsão dos franceses e a descoberta de minas.

Obtida a licença e a provisão de Capitão-mor Pero Coelho despacha 3 barcos para o Jaguaribe, levando mantimentos e munições. Por terra, acompanhando a linha do mar, segue a coluna de 200 índios e 50 soldados capitaneados por Martim Soares Moreno, Manoel de Miranda, João Cide e Simão Nunez. Para trás ficam o Rio Grande, o Jaguaribe e o Ceará. Na foz do Camocim, bem nas primeiras alturas da Serra da Ibiapaba, chocam-se os expedicionários com os tapuias, dispostos a barrar-lhes os passos. A luta se desenrola, interrompida por infrutíferas negociações, e termina com a derrota dos índios que deixam dez prisioneiros franceses, dos que lutavam ao seu lado. A marcha prossegue, apoiada pelos chefes vencidos, até o Pinaré (Parnaíba) de onde Pero Coelho regressa, forçado pela carência de meios e estado disciplinar de sua tropa. Na foz do rio Ceará funda Nova Lisboa e deixa uma pequena guarnição no fortim de São Tiago (1603). Retira-se para a Paraíba, em busca de reforços.

Ao regressar à barra do Ceará, Pero Coelho encontra seus soldados em péssimas condições e, a seu pedido, transfere-os para o Jaguaribe, onde também não se adaptam e desertam. Só lhe restava abandonar o sítio. Sua retirada, com mulher e filhos, dos quais perdeu o primogênito em meio a uma seca causticante, foi desastrosa e teria sido fatal não fora o auxílio que recebeu do vigário do Rio Grande.

Fracassava, assim, tristemente, a primeira tentativa de colonização do Ceará. Nada ficara do enorme esforço dispendido: nem o povoado fortificado do Ceará, nem o acampamento do Jaguaribe, nem a abertura do caminho para o Maranhão. Disto não se pode culpar o bravo e destemido Pero Coelho, apesar de sua atuação violenta, escravizando índios, despertando o ódio ao branco e o desejo de vingança dos aborígines, pois, até a família sacrificou no seu intento colonizador.

* * *

Acompanhando Diogo de Campos viera seu sobrinho Martim Soares Moreno. O jovem militar, no vigor de seus 18 anos — nasceu em 1585 ou 1586, em Santiago do Cacém, filho de Martim de Loures e Paula Ferreira — fora incorporado à expe-

dição de Pero Coelho de Souza, a fim de aprender a língua dos índios e a familiarizar-se com seus costumes.(1)

Assim descreve Soares Moreno seus primeiros passos em busca de um destino de glórias e sacrifícios: ... "logo que cheguei a Pernambuco fui com o Capitão-mor Pero Coelho de Souza descobrir e conquistar a Província de Jaguaribe e Seara e Mel Redondo, servindo de soldado, onde tivemos muitas guerras com aqueles índios que eram infinitos e tinham muitos franceses em sua companhia. O que tudo ficou conquistado, e depois de seis meses de guerra onde eu recebi muitas feridas com os demais companheiros, e vendo que não nos podíamos sustentar, nos retiramos a Seara para que com mais socorro fôssemos a conquista do Maranhão, tão desejada dos Reis passados".. (2)

Tudo indica que Soares Moreno não acompanhou Pero Coelho à Paraíba, em busca de socorros, permanecendo na barra do Ceará, talvez, até seu abandono, pois era conhecedor dos índios e de sua língua, tornando-se valioso auxiliar. Admite Capistrano de Abreu ... "que se retirou antes do descalabro da segunda empreza, na mesma caravela em que Pero Coelho levou a família da Paraíba, em meados de 1606."(3)

Presenciou durante três anos o que ali se passava, inclusive o mal-estar dos índios, pelo tratamento que recebiam, e o comércio com piratas que ... "carregavam muitos navios de algodões e pimenta malagueta, muitos bichos, como papagaios, bogios, saguins e muito pau a quem os índios chamam Uburaquatiara que é o melhor que até agora se há descoberto em todo o Brasil, por ser como damasco e também carregavam pau de tinta chamada tatajiba com algum ambar"... (4)

Foi assim que angariou a amizade dos índios, particularmente de seu chefe Jacaúna, aprendendo sua língua e costumes. Lamenta o infortúnio de Pero Coelho que... "gastou toda a sua fazenda que era muita e ali perdeu seus filhos a fome a sede"...

* * *

À desastrosa retirada de Pero Coelho seguiu-se, em 1607, a tentativa de catequese dos silvícolas pelos jesuítas. Partem

(1) Girão — Raimundo — "Três Documentos do Ceará Colonial" — *Instituto do Ceará* — 1967 — p. 161.
(2) Moreno — Martim Soares — "Três Documentos do Ceará Colonial" — *Relação do Ceará* — p. 181.
(3) Abreu — Capistrano — "Tricentenário do Ceará" — *Rev. Instituto Ceará* — Vol. 18 — 1904 — p. 59.
(4) Moreno — Martim Soares — *Relação do Ceará* — p. 181.

Francisco Pinto e Luiz Figueira, do Recife, com destino às salinas de Mossoró, acompanhados de 40 índios. Desembarcam no Jaguaribe e, acolhidos pelo chefe potiguar Algodão seguem, por terra, para a serra da Ibiapaba. Bem sucedidos, tentam continuar sua marcha religiosa para alcançar o Maranhão, quando são surpreendidos por traiçoeiro assalto dos Tocarijus que matam o Pe. Francisco Pinto.

Desolado o Pe. Figueira enterra seu companheiro de missão entre os dois índios que haviam lutado em sua defesa e empreende penosa caminhada de regresso. Chega ao litoral e alcança a barra do Ceará, onde funda a aldeia de São Lourenço (1608). Prossegue, mais tarde, para o Rio Grande e Pernambuco.

"À malograda expedição armada de Pero Coelho seguira-se a funesta tentativa missionária dos jesuítas. Fracassara a espada, fora mal sucedida a cruz. De mãos dadas haveriam de caminhar Cruz e Espada, a fim de que o objetivo fosse colimado."(5)

* * *

Continuava desprezada a costa leste-oeste e cada vez mais se firmavam os franceses no Maranhão e recrudesciam as incursões ao litoral. Depois do abandono do Jaguaribe e do Ceará, o último posto avançado voltava a ser a Fortaleza do Rio Grande. Ali servia o Tenente Martim Soares Moreno. Muito aprendera da vida na colônia, em contato com os nativos, desde a expedição de que participara e que o levara até o Parnaíba. A vida aventureira o atraía. Com apenas dois homens sai novamente a explorar o litoral até o Ceará. Restabelece o contato com Jacaúna e os de sua família.

"Em 1609 encontramo-lo como tenente da Capitania do Rio Grande do Norte", confirma Capistrano de Abreu. "A vizinhança incitou-o novamente a visitar terras cearenses. Fez a viagem três vezes e por tal modo soube captar a confiança dos naturais que afinal consentiram que se estabelecesse na terra."(6)

Sobre tais acontecimentos assim fala Soares Moreno: "Estando eu por tenente do capitão-mor Lourenço Peixoto servindo na fortaleza do Rio Grande fui fazer novas amizades com os moradores daquela costa até Ceará o que fiz pela amizade

---

(5) Theophilo — Tácito — "Fortaleza de N. S. da Assunção". Separata da *Rev. Militar Brasileira* — Vol. CXI — 1977 — p. 5.

(6) Abreu — Capistrano de — *Op.* citado — p. 59.

que me tinham me arrisquei só com dois homens a me meter com eles, donde os incitei fosse um deles comigo a Bahia a pedir ao Governador Dom Diogo de Menezes padre que os fizesse cristãos e que eu iria assistir com eles, o que fizeram e foi um filho do Principal Jacaúna a Bahia fazer este peditório, o que logo dito governador ordenou e me mandou negociado de todas as cousas necessárias"...(7)

Na mesma ocasião D. Diogo determinou a Soares Moreno que estabelecesse relações com os índios do Maranhão, preparando a futura reconquista do território, nomeando-o Capitão do Ceará, com o ordenado de 100$.

Há divergências quanto à data da nomeação mas não quanto ao ato em si. "Foi um despacho do Governador Diogo de Menezes, influenciado pelas boas informações de Diogo de Campos, que lhe deu a Capitania, theatro de erros e da longa expiação de Pero Coelho, e theatro igualmente dos trumphos apostólicos e da morte gloriosa do *Paepina*."(8)

Em 1611, Soares Moreno chega ao Ceará pela 5.ª vez. Traz o título de Capitão do Ceará e apenas 6 soldados e um clérigo, Baltasar João Correa, em sua companhia. Desta maneira conquista a confiança dos aborígines, pelos quais é muito bem recebido. Sem perda de tempo constrói uma igreja dedicada a N. S. do Amparo onde logo se celebra Missa e se realizam batizados. Levanta um forte a que dá o nome de São Sebastião (20 de janeiro de 1612). "Ali no dito ano degolei mais de duzentos franceses e flamengos piratas e lhes tomei mais de 3 embarcações, donde uma delas veio a Sua Majestade a esta cidade toda a proa e popa douradas e para fazer estes assaltos me despia nu e me rapava a barba tingindo de negro com um arco e flechas ajudando-me dos índios falando-lhes de contínuo a língua e perguntando-lhes o que já sabiam bem fazer"...(9)

Estreitando suas relações, aceitando os costumes dos índios e gastando suas próprias economias Soares Moreno conquista a amizade de 3 tribos de tapuias e, assim, colhe valiosas informações sobre a fertilidade das terras do Maranhão e seus habitantes. Todas estas notícias manda ao Governador Dom Diogo de Menezes que, junto ao Conselho da Índia obtém aprovação para a conquista dos rios do Maranhão. Caberia a Soares Moreno o pesado encargo de descobrir esses rios.

---

(7) Moreno — Martim Soares — *Relação do Ceará* — p. 182.
(8) Barão de Studart — "Martim Soares Moreno, o fundador do Ceará" — *Rev do Inst. do Ceará* — Vol. XVII — 1903 — p. 185.
(9) Moreno — Martim Soares — *Relação do Ceará* — p. 182.

Tão logo é informado do desembarque de la Ravardière trata de revoltar os tapuios do Parnaíba. No dizer de Alexandre de Moura foi quem "primeiro descobriu o Maranhão pela banda de leste".

Assumindo o governo, Dom Gaspar de Souza estabelece-se em Pernambuco, a fim de melhor dirigir a conquista da costa leste-oeste. Do Recife parte Jerônimo de Albuquerque a 1.° de junho de 1613, comandando 4 navios e cem homens, para expulsar os franceses do Maranhão. Ao chegar ao Forte de São Sebastião incorpora Martim Soares Moreno e prossegue para Jericoacoara ou Buraco das Tartarugas. Ali funda um fortim que consagra a N. S. do Rosário. Aquela seria sua base de operações para atuar contra os franceses. Despacha Soares Moreno para reconhecer o Maranhão, o qual embarca com os índios que lhe haviam prestado as informações, práticos naquele litoral. Ao fim de alguns dias chega ao Pereia ... "a primeira boca do Maranhão e dali fui por dentro dos rios e ao dia de S. Ana cheguei a ilha chamada Tucutenduba, a que pus o nome de ilha de S. Ana, ali um grande porto de naus muito fundável e nele um armazem que ali tinham os franceses com muito breu e muitas cabasmastras e mais pau de tinta cortado e polés aonde faziam muitos cabos ao que pus fogo"...(10)

Prossegue no seu reconhecimento e chega aos campos de Guaxenduba onde viriam a estabelecer-se mais tarde Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos para enfrentar e vencer os franceses. Aproxima seu barco da ilha de São Luis, desembarca e fala aos índios dizendo-se filho de Jacaúna e deixa uma cruz para assinalar sua passagem e a posse do lugar, em nome do Rei Católico. Eis senão quando um dos índios que levara consigo avisa-o da presença de 300 a 400 franceses e de uma força numerosa na própria ilha, toda bem artilhada. Embarca sem perda de tempo mas verifica que a barra está tomada. Embrenha-se por um braço do rio, onde permanece oito dias, ao cabo dos quais consegue escapar. Enquanto saía cruzou com uma nau e "fugindo della e dos mares que me comiam fui forçado a arribar a Índias."(11)

Aportando a Trinidad seu caravelão com 25 soldados e 7 índios embarcados foi mandado para Cumanã, sendo a embarcação apreendida. Encaminhado a São Domingos narra sua odisséia, mostrando que os ventos e correntes contrárias haviam impedido seu regresso ao Ceará. A 12 de dezembro é

(10) Moreno — Martim Soares — *Relação do Ceará* — p. 183.
(11) Barão de Studart — *Datas e Factos para a História do Ceará — Carta a Gaspar de Souza* — 1614 — pp. 11 e 12.

mandado para a Espanha levando os autos de seu processo de justificação. Chega a Sevilha mas não segue logo para Lisboa, como esperava. "O Duque de Medina me mandou chamar e me pediu as informações do que havia visto e me fez assinar e logo despachou correo a Madrid e Dom Francisco Duarte prezidente da contrattasão por outra via; os ditos Snnórs me vão entretendo athe resposta da carta, a qual virá daqui a 8 dias, e vindo me partirey logo para donde me mandarem; quando não buscarey ordem de irme donde VS está"...(12)

Jerônimo de Albuquerque, sem as informações que lhe mandara Soares Moreno a que nunca lhe chegariam às mãos, resolve regressar a Pernambuco em busca de reforços, deixando em Jericoacoara no fortim de N. S. do Rosário uma guarnição de 40 homens, chefiados por seu sobrinho.

Gaspar de Souza compreendendo o valor da posição para qualquer ação futura reforça-a (20 de maio de 1614) com 30 homens sob o comando de Manoel de Souza Eça. Bem a tempo chegaram os soldados, pois, poucos dias mais tarde (15 de junho) aporta o francês du Pratz. Desembarca 200 homens que na luta são derrotados por Manoel d'Eça e o comandante do Presídio Capitão Jerônimo de Albuquerque (sobrinho). Reembarcam os franceses com pesadas baixas: 12 mortos e 30 feridos.

* * *

O momento em que Martim Soares Moreno se separa de Jerônimo de Albuquerque e parte para o Maranhão, assim como seu substituto no Presídio do Seará, são dois pontos controvertidos na vida do Fundador do Ceará.

O Barão de Studart estudou aprofundadamente os documentos existentes e de logo afasta a hipótese da separação ter se verificado na ilha de Santa Ana, conforme José de Moraes e Américo Brasiliense, pois, lá não chegou a expedição. Onde ter-se-ia dado então? No Seará, ou mais adiante, em Jericoacoara? No Ceará dizem Diogo de Campos e José de Vasconcelos. Mas Studart prefere ficar com os muitos que admitem a separação no Buraco das Tartarugas (Jericoacoara) inclusive ... "pela consideração valiosa de não poder compreender que Jerônimo de Albuquerque se privasse das luzes e experiências do homem mais entendido nas cousas do Ceará, logo à primeira entrevista."(13)

---

(12) "Carta de Martim Soares Moreno a Gaspar de Souza — 27 abr. 1614". *Rev. Inst. Ceará* — Vol. 19 — 1905 — p. 54.

(13) Barão de Studart — "Martim S. Moreno" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 17 — 1903 — pp. 199 a 201.

Ao escrever o Barão a *Geografia do Ceará*, anos mais tarde, para figurar no livro comemorativo da Independência do Brasil ensina: "À armada de Jerônimo de Albuquerque foi se reunir em Camocim Martim Soares, ficando em seu lugar no comando do Presídio do Ceará Estevam de Campos. De Camocim destacou-o Jerônimo de Albuquerque a fim de reconhecer a ilha do Maranhão e obter notícias dos franceses."(14)

Capistrano de Abreu nao parece ter duvidas, pois assevera ... "antes de atirar-se ao desconhecido do Maranhão, que o Capitão do Ceará fosse adiante numa pequena barca sondar os portos e tomar língua. A embarcação chamada Santa Catharina tinha por mestre Sebastião Martins e por piloto Afonso Gonçalves; levava além de alguns índios vinte e cinco soldados cujo sargento era Pedro Lobato Malio. A nomeação de Martim Soares assinada no Camocim por J. de Albuquerque, traz a data de 13 de julho de 1613. A partida parece ter sido no mesmo dia."(15)

Nova indagação. Jericoacoara ou Camocim? Até lá chegou Jerônimo de Albuquerque que acabou recuando para Jericoacoara, por ser sítio mais apropriado. Tudo indica que estiveram juntos até Camocim. Daí para a frente era o desconhecido e seria arriscado prosseguir sem um vanguardeiro capaz de explorar o terreno e informar sobre o que se passava do lado inimigo. Eis porque assim ocorreu e o sucesso teria coroado o plano se as novas enviadas por Soares Moreno tivessem chegado a tempo.

A falta de notícias obrigou Jerônimo de Albuquerque a se retirar. Quando afinal Soares Moreno chega à Europa e manda novamente suas informações, o faz através de portador seguro, o seu piloto Sebastião Martins. Gaspar de Souza recebe-as e adapta seu planejamento às novas circunstâncias, para tanto reunindo a 26 de julho de 1614, Jerônimo de Moura, Diogo de Campos e Vicente Campelo.

* * *

A expedição ao Maranhão leva ao confronto Jerônimo de Albuquerque e La Ravardière. Estabelecidos em Guaxenduba, no forte de Santa Maria, recém-construído, Jerônimo de Albuquerque e Diogo de Campos são atacados pelos franceses, por

(14) Barão de Studart — "Geografia do Ceará" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 37 — 1923 — p. 179.

(15) Abreu — Capistrano de — "Notícias Atrazadas — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 19 — 1905 — p. 121.

terra e por mar. Reagindo da surpresa retomam a iniciativa das operações e atacam La Ravardière com duas colunas, uma das quais avançando pela praia. Os índios amedrontados fogem e os franceses recuam para o mar. Duas horas durou a ação que custou ao inimigo 120 mortos.

Permaneceram os franceses na ilha e os portugueses no continente, estabelecendo-se uma trégua até que os soberanos europeus decidissem a querela. Daí resultou a ida de Du Pratz e Gregório Fragoso, a Paris e de Diogo de Campos e Mathieu Maillard, à Espanha. O Governador Gaspar de Souza não concordando com o armistício manda Alexandre de Moura, com 9 barcos, reforçar e apoiar com 600 homens Jerônimo de Albuquerque. Retomam-se as hostilidades. A luta termina com o Tratado de 27 de novembro de 1614, e a retirada de La Ravardière e Restly.

Não está bem claro o momento em que Soares Moreno se deslocou pela 2.ª vez para o Maranhão, sendo sabido que ali já se encontrava para informar ao Capitão-mor Alexandre de Moura ... "do que se passava entre os franceses e que bem sabia por haver 3 meses que estava com eles por reféns e curando-me de uma enfermidade" (*Relação do Ceará*).

"Martim Soares, portanto, figura entre os que conseguiram ultimar a expulsão dos franceses do Maranhão, isto é, entre os companheiros de Alexandre de Moura. Ao chegar este à conquista já lá estava Martim Soares e até como reféns entre os franceses."(16)

Parece admissível a explicação apresentada por Capistrano de Abreu: Diogo de Campos saindo de São Luis chega a Lisboa a 5 de março. Logo depois zarpa para o Maranhão, levando pólvora, munições e outros apetrechos ... "um patacho que tocou no Ceará nos primeiros dias de junho. Se de comandante deste patacho viesse Martim Soares ficaria explicado como foi sargento-mor na *ausência* de seu tio, pois Diogo de Campos estava então no reino; ficaria explicado como esteve de reféns entre os franceses quando Diogo de Campos e Alexandre de Moura chegaram ao Maranhão no fim do ano; ficaria ainda explicado porque na armada de Francisco Caldeira, que precedeu a destes, e em que podia ter embarcado, ele que já comandara durante anos uma fortaleza em condições graves, e a quem, em suma, se devia o sucesso da empreza de expulsar os franceses não foi contemplado si quer com o comando de

(16) Barão de Studart — "Martim S. Moreno — o Fundador do Ceará" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. XVII — 1903 — p. 203.

um navio."(17) Se aceita a bem fundamentada argumentação de Capistrano, da viagem direta de Soares Moreno ao Ceará, teria ele aqui aportado pela sexta vez.

Terminada a luta e visando a assegurar a conquista do Maranhão e Pará foram feitas as nomeações para os cargos de comando e de chefia, cabendo a Martim Soares Moreno o posto de Capitão de Cuma e Tapuitapera com 25 soldados e vinte léguas para cuidar.

Estando no seu comando de Cuma, habitado de "infinitos índios e estando fazendo Igreja e quietando aqueles índios com grande trabalho" foi novamente acometido pela fístula que já uma vez o prostrara, sendo obrigado a se afastar para tratar-se. Substituído por Matias de Albuquerque, embarca em "um barco velho e mal aparelhado" e ao transpor a barra é colhido por violento temporal "que o deixou sem vela nem aparelho nenhum e perdido e quase afogado entre os baixos".

Os ventos e correntes contrários não permitem o regresso de Soares Moreno ao Ceará e o levam, pela segunda vez, a São Domingos. Deseja regressar à Europa. Recebe do Presidente Gomes de Sandoval o posto de "Cabo dos navios" que estão de partida. Novo temporal se abate e sua embarcação se desgarra, separando-se das demais. Abordado por um pirata francês luta até o desespero. Toda a tripulação é sacrificada, com exceção de 3 homens. Ele próprio recebe 23 ferimentos, uma cutilada no rosto, perde u'a mão e é levado a Diepe, na França. Diante das acusações das "viúvas e outras partes" dos franceses que haviam morto no Ceará e no Maranhão é preso e sentenciado à morte. Padece nos cárceres franceses sendo salvo pela interferência do Embaixador Espanhol, Duque de Montelion, "e por cujo respeito foi solto a cabo de dez meses de prisão mui rigorosa donde gastou muito com sentenças e apelações de que ficou muito empenhado e individado tudo por respeito do serviço de V. Magd. E agora está nesta cidade passando muitas necessidades. Pede a V. Magd. respeitando o sobredito lhe faça mercê de ajuda de custo para remediar suas misérias e necessidades e desendividar-se para se poder vestir."(18)

Deixara o Maranhão em meados de 1616. Em fins de 1618 achava-se em Portugal requerendo meios para pagar as custas de seu longo processo e tratando de seus negócios. Fez acom-

---

(17) Abreu — Capistrano de — "Tricentenário do Ceará" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 18 — 1904 — p. 61.

(18) "Relato a El-Rei de Martim S. Moreno" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 19 — 1905 — pp. 66 e 67.

panhar uma de suas petições da *Relação do Ceará* documento da mais alta valia descoberto pelo sempre louvado Barão de Studart.

A 28 de maio de 1619, Dom Felipe faz saber através de Carta Patente que em respeito aos serviços prestados por Soares Moreno, no Brasil ... "por espaço de dezessete annos servindo nos cargos da milicia de que foi encarregado com bom procedimento pellejando muitas vezes com os inimigos de que foi ferido, e ser o primeiro fundador da Fortaleza do Seará e tomar aly uma nao e duas lanchas de franceses com morte de muitos deles e asy aos serviços que fez no descobrimento e conquista do Maranhão aonde servio de sargento mor E ser ultimamente captivo e muyto ferido na briga que teve com hum navio frances que o encontrou vindo arribado da ilha de Sancto Domingo para Hespanha havendo procedido esforçadamente na briga e aos trabalhos que padeceu em França na prisão e pella boa Informação que tenho do dito Martim Soares Moreno Hey por bem e me praz de lhe fazer mercê da Capitania da dita fortaleza de Seará por tempo de dez anos"... A Carta Patente tem a data de 25 de maio de 1619.(19)

Soares Moreno conhece bem a terra que vai governar e na *Relação do Ceará* expõe os aspectos físicos, econômicos e humanos do território. Situa o Ceará a 100 léguas da Capitania do Rio Grande e em toda esta distância ... "não ha um palmo de terra que se possa povoar nem que dê mantimentos por nenhuma maneira, tudo são areiais desertos"... Dali para o Maranhão o aspecto físico é o mesmo. Na sua análise ressalta a importância da região e do rio Ceará, onde entram embarcações de 30 a 40 toneladas e é guardado por um pequeno forte de madeira. A enseada de Mucuripe fica a 2 léguas a barlavento, abriga navios de 400 a 500 toneladas e poderá ser guardada por 4 peças de artilharia. Ainda mais a leste, outra enseada, a de Iguape. Precisa ser vigiada, pois é freqüentada por estrangeiros. Já para oeste a enseada do Pará também merece atenção, pois ali ... "se vão reformar os ladrões". Salienta a importância das serras litorâneas já que os navios que forem ao Maranhão e ao Pará serão forçados a reconhecê-las, dada sua importância para a navegação.

Ressalta desse modo o valor estratégico do Ceará como ponto de apoio para a sustentacão do Maranhão, motivo por que deve ser preservado dos piratas e abastecidos de mantimentos e de índios para acompanhá-los.

---

(19) "Carta Patente de 25 de maio de 1619" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 19 — 1905 — pp. 81 e 82.

Enumera a fartura de sal, ostras, mariscos, peixes de água doce e salgada, caça, madeira, pau de tinta, algodão, frutas (mangas e cajus) além da existência de terras boas para pastagens. Dá conta de 4 aldeias de índios, do seu chefe Jacaúna e de outras 22 nações num perímetro de 70 léguas. Mostra o quanto é reduzido seu contingente de 20 soldados. Apresenta sugestões para o desenvolvimento da colônia.

Não admira, portanto, que ao ser nomeado Capitão-mor trate imediatamente de obter os meios para o bom desempenho de seu mandato. Nos seus planos estava sua instalação definitiva no Ceará, o beneficiamento da terra, a criação de animais, a instalação de um trapiche de açúcar e a pacificação dos índios.

Começa por pleitear a concessão de 12 léguas de terra, em virtude de ter sido "o primeiro povoador e fundador da Capitania e da Fortaleza de Seará e por esse e outros serviços o despachou V. Mgde. por des annos para a dita praça"... Alexandre de Moura, embora reconhecendo seus merecimentos informa que ... "bastará darem-se-lhe seis legoas em quadra que é a metade do que pede, e digo tanto porque estive na terra e sei que não é toda fertil nem boa para cannas de assucar e que ha lugares muito pobres de madeiras que são toda a sustancia dos engenhos que se fora semelhante a outras do Brasil menos de uma legoa lhe bastava para o trapiche que quer formar"... Sob a alegação de que era preciso deixar espaços próximos para os que viessem ajudar no povoamento conclui pela concessão das seis léguas. No final, foram-lhe concedidas apenas ... "duas léguas em quadra na repartição que se fizer das terras da dita Capitania"... (20)

Preocupa-se com a segurança da cobiçada Capitania e pede a recuperação do forte e o aumento de sua guarnição, Alexandre de Moura é quem informa a petição. Confirma as alegações de Soares Moreno e opina: "Seará é passagem delles (navios inimigos) pelo que me parece ser mui necessário prefazer naquelle prezidio ao todo cinquenta soldados quinze mosqueteiros, e os mais arcabuzeiros; com um sargento e um cabo de escuadra; num reduto de taipa em que se recolhão e estejam seguros dos piratas do mar e tapuios de terra."(21)

Alegando a grande distância entre a Bahia e o Ceará, acarretando trabalhos e despesas, Martim Soares Moreno pede

---

(20) Barão de Studart — "Docs. para a História de Martim S. Moreno" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 19 — 1905 — p. 89.

(21) Barão de Studart — "Docs. para a História de Martim S. Moreno" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 19 — 1905 — p. 89.

dispensa de prestar juramento ao Governador-Geral e é atendido, determinando-se ... "que o Capitam a quem Soares Moreno vay succeder na dita Capitania do Seará lhe de a posse della na Conformidade que o ouvera de fazer o dito governador"...(22)

Preocupado com a catequese e pacificação dos índios e com o apoio espiritual dos próprios portugueses requer lhe sejam fornecidos paramentos e mais objetos para a celebração dos ofícios, no que é atendido.

Seu ordenado como Capitão-mor é estipulado com base no Parecer do Conselho da Fazenda, depois de ouvir Gaspar de Souza (que alvitrou 300 a 400 cruzados) e D. Diogo de Menezes que opina por duzentos mil réis considerando que tem mais trabalho que um Capitão de Infantaria e tem a seu cargo a representação da autoridade do cargo. "Parece a este dito Conselho tomar o meyo delles a que deve V. Magde. ser servido haver por bem o dito Martim Soares haja quatrocentos cruzados de ordenado... por quanto com menos se não poderá sustentar por ser a terra nova e não dar de sy nenhum proveito."(23)

Mais de dois anos demora-se Soares Moreno em Portugal, requerendo, pedindo, lutando e procurando meios e modos para ser bem assistido em sua nobre e sacrificada missão. Nomeado em 26 de maio de 1619, chega ao Ceará, pela última vez, a 23 de setembro de 1621 e assume o governo da Capitania, sendo bem recebido por seus compatriotas e pelos índios da vizinhança.

Há falta de mantimentos e de ferramentas para preparar a terra. Mas seu otimismo e confiança no trabalho logo se manifestam com promessas de em breve estar bem abastecido e poder atender as náus amigas que aportarem ao Ceará, como ocorreu com a nau biscainha que ia à caça de baleias na Bahia e outra que se dirigia com colonos para o Maranhão. Não lhe agradou o forte, reduzindo a uma estacada de varas.

Escreve a El-Rei dando notícias da terra e propondo medidas para o desenvolvimento da Colônia. Externa suas primeiras impressões. Alerta para a necessidade de solução do problema do forte e reitera o pedido de soldados. "E se V. Magd. é servido que elle se povoe e vá por diante sirva-se de a mandar fortificar mandando-lhe metter alguma artilharia, e pelo menos os cincoenta soldados que estavam determinados darem-se. Porque os índios naturaes são muitos mal acostumados e intentão cada dia mil traições, e os de guerra com assal-

(22) Barão de Studart — *Ibidem* — p. 84.
(23) Barão de Studart — *Ibidem* — pp. 86 e 88.

tos tem enfadado vinte portugueses que aqui achei e não havendo força para se estenderem pela terra não tem V. Magd. para que despender nella sua Real Fazenda. E pois a terra é tanta e tão boa para tudo quanto lhe semeão bem é que os Vassalos de V. Mgd. se aproveitem della algumas sementes de Portugal que semeei nascerão, as canas de assucar se dão espantosamente."

E segue falando nas madeiras, na caça, nos peixes e insiste dizendo que se receber ... "gente e ordens de artilharia e com que fortifique este sitio espero em Deus fazer aqui uma Capitania muito rica a V. Mgd." Dá notícia da conversão dos "bárbaros" à Santa Fé Católica, como já ocorreu com o "principal cabeça delles chamado Jacaúna." Por fim, acena com a promessa de muito metal que poderá ser encontrado nas serras ... "para que a real fazenda de V. Mgd. se não gaste aqui debalde"... (24)

A conversão de Jacaúna foi uma das alegrias que Soares Moreno teve em seu governo, marcado por 10 anos de luta contra a burocracia, a inércia e indiferença do Reino. Sua preocupação primeira foi com a fortificação e a guarnição do Presídio da Capitania. Não cessa de pedir e lembrar o cumprimento da promessa que lhe havia sido feita do envio de 50 soldados. Infelizmente nunca foi reconhecido o importante papel do Ceará, naquela vastidão que se estendia até o Amazonas. Suas costas baixas, desabrigadas e cobertas de dunas não apresentavam atrativos. Terra pobre, sem nada de maior valor, produzindo algodão, madeira e ambar gris, estimulava apenas o tráfico de poucas naus estrangeiras.

Dirige-se Soares Moreno a El-Rei a 17 de outubro de 1828. "O ano passado escrevi a V. Magd. duas vezes em razão do que me ordenou por carta sua; e avisava de todas as particularidades desta Capitania, e falta della, e agora o torno a fazer dos mais importantes para que a V. Magd. lhes sejam notorias as cousas desta praça que totalmente está a risco de se perder"... Culpa os Governadores de não cumprirem as Provisões Reais de mandar gente e soldados, nem realizarem os pagamentos. Alerta para uma possível insubordinação dos soldados maltrapilhos e doentes e para uma revolta dos índios já domesticados.

A fim de relatar suas dificuldades e problemas manda o Alferes Jerônimo da Veiga à Bahia pedir ao Governador que

---

(24) Barão de Studart — "pocs. para a História de Martim S. Moreno — Carta a El-Rei. de 1.º de novembro, 1621" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 19 — 1905 — pp. 92/94.

o assistisse. Nada obtém, limitando-se Diogo Luiz de Oliveira a responder que tinha avisado ao Rei não estar definido se a Capitania era do seu distrito ou do Maranhão. Nada conseguindo, envia o Alferes diretamente ao Reino, em busca de socorro urgente e levando suas queixas e uma vaga esperança de obter prata e salitre, caso ajudado com gente para descobri-los. A 10 de março do ano seguinte o Conselho de Ultramar dá parecer sobre as queixas de Soares Moreno e, em junho, são mandados adotar providências.(25)

Não é menor sua luta para que o Ceará pertença ao Governo do Brasil. Em 1625, requer não haja sua união ao Maranhão, continuando ligado ao Governo do Brasil, sob pena de deixá-lo ao desamparo ... "porque o do Maranhão para aquela dita Capitania he a costa inavegavel por respeito das aguas e ventos correrem sempre em contrário; por terra ha a mesma impossibilidade por respeito de haver infinitas nações de selvagens inimigos.(26) Alega que se gastam seis meses no caminho, ao passo que para Pernambuco se vai em 15 dias, tanto por mar como por terra.

Este primeiro trabalho foi inútil e o Ceará por um "abuso" de Francisco Coelho foi incorporado ao Maranhão. Em agosto de 1629, o assunto volta à baila. Soares Moreno insiste junto ao Conselho de Estado peticionando ao Rei para que a Capitania do Ceará fosse ligada ao Estado e governo do Brasil. O Conselho da Fazenda opina favoravelmente, assim como Estêvão Soares de Albergaria que concorda em que ... "se for do Governo do Maranhão não ha duvida que se ha de consumir mui brevemente como aponta Martim Soares em suas razões as quais são de homem mui pratico naquela Costa e zeloso do serviço de V. Magd."(27) A informacão de Maciel Parente, que foi Capitão-mor na conquista de Bahia, rebate os argumentos apresentados e conclui pela incorporacão do Ceará ao Estado do Maranhão mas, podendo ser atendido também pelo Governo do Brasil.

Não se conforma Soares Moreno e a 10 de outubro de 1629 faz nova petição para a volta do Ceará ao Governo do Brasil, alegando que nada foi escrito sobre o assunto, nem o Rei determinou que a Capitania do Ceará pertenca ao Governo do Maranhão, tanto assim que na provisão passada ao Governador Francisco Coelho de Carvalho fala apenas no Maranhão e no Pará. A solução é dúbia, permanecendo a ligação com o

(25) Barão de Studart — Documentos... — pp. 98/101.
(26) Barão de Studart — Documentos... — p. 96.
(27) Barão de Studart — *Ibidem* — p. 103.

Maranhão e sendo o apoio prestado pelo Governo do Brasil. Só em julho de 1656, dá-se a separação, mesmo assim, sem nenhum ato formal mas por iniciativa de André Vidal de Negreiros que se comprometeu a enviar os meios e socorros de que precisasse a Capitania.

E nesse batalhar incessante decorre o tempo e Soares Moreno chega ao fim do seu mandato. Antes mesmo de assumir, dois anos permanecera em Portugal tentando obter o que julgava necessário ao seu bom desempenho na Capitania do Ceará. Ao chegar ao seu destino prosseguira na mesma luta. Pensara em dar grande desenvolvimento à terra, levando novos colonos e pacificando os índios. Preocupara-se com a segurança, pleiteando a reconstrução do forte São Sebastião e 50 soldados para guarnecê-lo. Batera-se pela subordinação da Colônia diretamente ao Governo do Brasil e não ao do Maranhão, do qual passou a ser considerado mero porto de escala. Reclamara o constante atraso dos pagamentos dos soldados. Empenhara sua própria renda para não deixar sucumbir a Colônia. Seguidamente dirigira-se a El-Rei dando conta do seu trabalho e do perigo conseqüente do seu desamparo. A tal ponto chega a situação que o Governador do Maranhão passando pelo Ceará e verificando o estado da praça manda fornecer pólvora e artilharia e fazer o pagamento dos soldados que chegou a atrasar-se três anos. Nessa ocasião entrega a Soares Moreno o hábito de Santo Iago conferido pelo Rei por seus meritórios serviços "que não foram poucos os que lhe fez". Vale-se das duas visitas de Frei Cristovam Severim para mostrar-lhe a Colônia e conseguir dois religiosos. A derrota que inflingiu aos corsários em 1624 e 1625 livrou o Ceará de suas presenças. Seu esforço em realizar pesquisas na serra de Itarema, em busca de prata, é digno de realce. Mas, acima de tudo, há que se reconhecer o valor do seu governo pela manutenção da Colônia livre, preservada à autoridade real e pacificada.

Tem 45 anos. Seu corpo guarda as cicatrizes de muitas lutas e a mutilação de uma de suas mãos. Embora pobre poderá gozar o merecido descanso no Ceará, onde governa seu sobrinho Domingues da Veiga Cabral, ou na sua terra natal. Mas, não. Pernambuco está em mãos estranhas. Luta-se ali e é para lá que se dirige. Capacita-se para entrar em ação e, acompanhado de alguns índios e soldados apresenta-se na praça do Real. Dali segue para o Arraial de Bom Jesus, em Pernambuco, onde chega em junho de 1631.(28)

---

(28) Barão de Studart — *Datas e Factos...* — p. 41.

Reforçando seu contingente, apossa-se do porto de N. S. da Vitória, no rio Capibaribe. A 29 de agosto recebe a missão de atacar um dos quatro redutos que o inimigo havia construído na ilha de Santo Antônio.

"Passou Martim Soares a investir um com tanta bizarria que entrando-o degolou 12 e trouxe prisioneiros o sargento que o guardava com mais 40 homens; os outros o desampararam aterrorizados de ver os índios cujo aspecto nos primeiros annos lhes era terrivel; e estes do Ceará por menos domesticos e trataveis mais servião para este effeito que para outro qualquer."(29)

Sai ferido na defesa do Arraial, no assalto de 27 de março de 1633. Participa de outros embates no Recife e passa à Paraíba. Batido com outros compatriotas, pelos holandeses, retorna a Pernambuco em 1635. "O Governador Antonio de Albuquerque, reconhecendo que já de nada podia servir na Paraíba, foi apresentar-se a Matias de Albuquerque com Bangnuolo e Martim Soares Moreno, que estava de guarnição em Cunhaú."(30)

Nova fase inicia-se na guerra holandesa. Reabrem-se as hostilidades, reorganizam-se as guerrilhas. É grande o desassossego no campo. Há apelos e dissimulação, de parte a parte. Com intuitos aparentemente pacificadores partem de Bahia, por ordem do Governador Teles da Silva, os Mestres de Campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros, embarcados na frota de Jerônimo Serrão de Paiva. Ambos, entretanto, conhecem a verdadeira intenção do movimento e que atitudes tomar em benefício dos insurrectos. Martim Soares, com o seu Terço investe a fortaleza do Pontal. Não obstante, surpreendido com a ordem de recolher-se à Bahia com sua tropa dá parte de doente e regressa sozinho a Salvador, conduzindo alguns soldados insubordinados. É substituído no posto de Mestre de Campo por Nicolau Aranha Pacheco, a 22 de abril de 1648. Parte de volta a Portugal. Ignora-se a data da morte do bravo soldado e colonizador do Ceará.

A retirada de Soares Moreno da luta, antes do seu término, ainda não encontrou explicação satisfatória, mormente sabendo-se que desde agosto de 1645, quando saiu da Bahia, até seu regresso a Salvador, em fins de 1647, desempenhava o papel de maior relevância na campanha.

No dizer de Carlos Studart "Hierarquicamente superior a André Vidal de Negreiros e, como é natural, também aos outros

(29) Barão de Studart — "Transcrição (Memórias Diárias)" — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 17 — 1903.

(30) Varnhagen — F. Adolfo de — *História Geral do Brasil* — Tomo Segundo — 4.ª edição — p. 288.

combatentes, foi ele sem sombra de dúvida, quem conduziu as corporações militares nessa fase, de certo modo decisiva, da campanha que vai dos inícios de 1645 até fins de 1647."(31)

Nosso Barão de Studart que tanto apreciava Soares Moreno, apelando para a imparcialidade do historiador diz ... "que sua retirada da campanha Holandeza em demanda da Bahia não pode merecer os elogios e os aplausos dos Brasileiros maxime si se atender ao momento em que ella se deu."(32)

Por que teria abandonado a luta? Algum ressentimento, como querem certos historiadores? Por que se sentiria magoado, a ponto de deixar o Teatro de Operações? Pelo fato de não lhe haver sido confiado o comando, por indisposição com outros chefes do movimento ou por sentir-se contrafeito em lutar, ocultando as verdadeiras intenções, a fim de não prejudicar a política exterior do Reino? Estas e outras razões podem ser invocadas, mas preferimos aceitar o fato em sua versão mais natural.

Já uma vez, em Cumá, no Maranhão, fora obrigado a se afastar da luta, às voltas com uma fístula. E foi parar nos cárceres da França. Coisa semelhante deve ter ocorrido, embora não lhe faltando forças para enfrentar a larga caminhada até a Bahia.

Realmente, devia sentir-se muito doente e alquebrado o velho Capitão que ainda muito jovem viera para o Brasil como soldado, na companhia do tio. Ao deixar a Capitania do Ceará, em 1619, já contava 27 anos de bons serviços. Ainda se manteve ativo, na vida militar, até 1648. Estava, portanto, com 46 anos de serviços e 62 de idade quando, doente, deixando as agruras e desencantos da vida castrense decidiu partir do Brasil.

Em sua terra natal, carregando seus gloriosos ferimentos e ostentando o Hábito de Santo Iago há de ter relembrado suas andanças pelo Rio Grande, Paraíba, Maranhão e Pernambuco. Em seu peito já brilhava, sem que mesmo o soubesse, o maior galardão que lhe poderia ser conferido, qual seja o de Fundador do Ceará.

---

(31) Studart Filho — Carlos — Estudos de História Seiscentista — Instituto do Ceará — 1959 — p. 77.

(32) Barão de Studart — "Martim S. Moreno..." — *Rev. do Inst. do Ceará* — Vol. 17 — 1903 — p. 227.